

O POENTE E O NASCENTE DO PROJETO LUSO-BRASILEIRO (1763-1777)

LUIZ HENRIQUE TORRES*

RESUMO

Síntese dos acontecimentos envolvendo a ocupação da vila do Rio Grande pelos espanhóis em 1763 e a retomada luso-brasileira em 1776, demarcando alguns momentos e personagens essenciais para a compreensão desse período.

PALAVRAS-CHAVE: Século 18; confronto luso-espanhol; Rio Grande.

INTRODUÇÃO

A ocupação lusitana de Rio Grande em 1737 voltou-se, inicialmente, ao papel de uma posição militarizada com vistas a garantir apoio à Colônia do Sacramento. A presença militar também buscava defender as atividades econômicas dos moradores localizados em seus limites urbanos e rurais, promovendo dessa forma o povoamento e a incorporação da localidade ao sistema colonial português. Os primeiros quarenta anos da ocupação foram marcados pela tensão em buscar a constituição da civilização numa área de litígio, onde as fronteiras estavam sendo demarcadas através do avanço do tropeirismo, da expansão das estâncias e da intervenção militar. Uma pequena parte desta história está aqui apresentada.¹

O período de 1763 a 1777 foi decisivo para os rumos históricos do Rio Grande do Sul. A conjuntura do enfrentamento luso-espanhol

* Professor da FURG; Doutor em História – PUC-RS.

¹ Foram utilizados os estudos de BENTO, Cláudio Moreira. *A Guerra de Restauração*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986 (com a tradução do diário do Tenente-General Böhm); QUEIROZ, Maria Luiza Bertolini. *A vila do Rio Grande de São Pedro*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1987; BARRETO, Abeillard. A ocupação espanhola do Rio Grande de São Pedro. In: SIMPÓSIO COMEMORATIVO DO BICENTENÁRIO DA RESTAURAÇÃO DO RIO GRANDE (1776-1976). Rio de Janeiro: IHGB, v. 2, p. 643-657; MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego. A dominação espanhola no Rio Grande do Sul. In: SIMPÓSIO COMEMORATIVO DO BICENTENÁRIO DA RESTAURAÇÃO DO RIO GRANDE (1776-1976). Rio de Janeiro: IHGB, v. 4.

tornou-se cada vez mais acirrada na busca do controle de territórios entre as duas potências colonialistas. Rio Grande teve um papel essencial na definição dos rumos da formação rio-grandense. Os mais de dois séculos decorridos trouxeram o esquecimento dos fatos para a população contemporânea que, muitas vezes por falta de informação, desconhece que o presente também foi construído por homens e mulheres no passado longínquo.

CONFRONTO LUSO-ESPANHOL

O confronto luso-espanhol na Bacia Platina tomou contornos reais com a construção da Colônia do Sacramento pelos portugueses, na margem esquerda do Rio da Prata, em 1680. O comércio lusitano, especialmente de comerciantes do Rio de Janeiro, que já era intenso na região, assim oficializava a sua aspiração em estender as posses até o atual Uruguai. Poucos meses depois da ocupação portuguesa, os espanhóis sediados em Buenos Aires promoveram o primeiro ataque à Colônia do Sacramento, acabando com essa primeira experiência civilizatória. Estava deflagrado o conflito entre as duas potências ibéricas que se estenderia por quase um século. Rio Grande surge em 1737, na terceira campanha militar espanhola contra a Colônia do Sacramento, com o objetivo estratégico de ser uma base de apoio logístico na resistência contra o cerco que sofria. O atual Rio Grande do Sul era almejado pelos espanhóis, que o consideravam território seu pelo que fora ajustado no Tratado de Tordesilhas. A primeira fase das Missões jesuítico-guaranis, nos quadros da conquista espiritual, estendeu-se entre 1626 e 1641. Os povoados missionários tiveram continuidade a partir de 1682. Foram fundados até 1707 os Sete Povos, cujas estâncias estendiam-se por grande parte do território rio-grandense. O projeto reducional ou missionário estava inserido juridicamente nos quadros do colonialismo espanhol.

O litoral rio-grandense consistia no corredor possível para as incursões luso-brasileiras voltadas à atividade dos tropeiros que buscavam o gado selvagem, que fora introduzido a partir de 1634 nas missões e se dispersara, formando a “Vacaria del Mar”, milhões de cabeças que se estendiam entre o pampa brasileiro e uruguaio. A barra do Rio Grande seria um dos locais de maior dificuldade para cruzar com o gado, e aí situaram-se postos de fiscalização; em 1725, em São José do Norte, com a Frota de João de Magalhães, e a partir de 1737, com a ocupação do sul da barra do Rio Grande, escolhido como o local para construção de uma vila que viabilizasse o funcionamento do único porto marítimo.

A fundação e militarização de Rio Grande passou a ser imediatamente contestada pela Espanha, e a localidade passou a viver na expectativa de invasão, o que veio a ocorrer em 1763 e quase se repetiu em 1777. Tempos de guerras e instabilidade para a população civil e ansiedade para os militares. As contradições na diplomacia luso-espanhola frente ao tenso equilíbrio entre as potências ultramarinas européias faziam, através de tratados, as fronteiras avançarem ou recuarem da direção do Prata.

O Brigadeiro José da Silva Paes, ainda em 1737, ordenou a construção em Rio Grande de fortificações como o Forte Jesus-Maria-José e o Forte de Nossa Senhora de Sant'Anna do Estreito. Montou baterias na margem sul da Barra do Rio Grande e no Taim, e construiu o Forte de São Miguel, no atual Chuí, Uruguai. Preocupados com a perda da Colônia do Sacramento e um avanço espanhol até a Vila do Rio Grande ou Rio Pardo, os portugueses edificaram, a cerca de 32 quilômetros da atual linha de fronteira com o Uruguai, a Fortaleza de Santa Teresa, na região então chamada de Castilhos. O governador de Buenos Aires, D. Pedro Cevallos, ansiava controlar o Rio Grande do Sul e avançar até Santa Catarina. Para isso ordenou o cerco e o bombardeio da Colônia do Sacramento durante um mês, até obter, em outubro de 1762, a rendição dos sitiados.

Em abril de 1763 as tropas espanholas marcham sobre o forte de Santa Teresa, que capitula em meio a deserções generalizadas. São Miguel também se rende. Com a porta aberta para a vila do Rio Grande, os soldados que desesperadamente fugiam à aproximação castelhana invadiram a vila do Rio Grande de São Pedro e promoveram o caos entre os moradores e a pilhagem do comércio. O governador do Rio Grande, Elói Madureira, que administrava as possessões portuguesas a partir desta localidade, não divulgou o plano de defesa e fuga dos moradores, deixando a população à mercê de uma desesperada travessia da Barra do Rio Grande. A barbárie e a violência tomaram conta da vila. Houve saques, estupros, invasão e roubo de peças da igreja matriz de São Pedro. Conforme Guilhermino César, “os armazéns reais foram assaltados, a igreja despida de seus paramentos e objetos sagrados, enquanto a soldadesca embriagada só pensava em fugir, nas poucas canoas existentes, para se porem a salvo nas barrancas de São José do Norte”². Aqueles que escaparam para São José do Norte seguiram em direção ao Estreito, que na época era um aldeamento indígena e virou a localidade lusitana com maior população do Rio Grande do Sul, pois muitos retirantes aí se estabeleceram. Os demais

² CESAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1980.

seguiram para Viamão (como é o caso dos vereadores, que para aí transferiram a Câmara), Porto Alegre e outras localidades.

Os espanhóis passam a controlar militarmente a vila do Rio Grande, expulsam a população civil do centro urbano e cruzam o canal. Lá, controlam a barra norte, atual sede de São José do Norte. Os portugueses, em agosto de 1764, terminam a construção do forte São Caetano das Barrancas, demonstrando disposição de não aceitar o controle espanhol e localizar em São José do Norte a resistência e o contra-ataque. Outra estratégia lusitana era o incentivo às guerrilhas (cavalaria ligeira). Destacaram-se nessa estratégia Francisco Pinto Bandeira e seu filho, que chegou a governador, Rafael Pinto Bandeira.

Em 1767, São José do Norte é retomada pelos portugueses e ocorre uma tentativa de lançar forças de assalto na barra sul, que fracassa devido aos fortes ventos e intensa cerração. O impasse permaneceria por longo período, mas os luso-brasileiros agora tinham uma saída para o mar e iriam construir fortes na barra sul do Rio Grande. A situação se agravou quando, em novembro de 1773, o governador de Buenos Aires, General Vertyz y Salcedo, com grande efetivo terrestre, invadiu o Rio Grande do Sul pela Campanha, fundando o forte de Santa Tecla (em Bagé) e São Martinho (no caminho para as Missões). O objetivo era conquistar Rio Pardo, Taquari, Porto Alegre e Viamão, além de aniquilar as guerrilhas sediadas em Encruzilhada e Canguçu, isolando dessa forma as forças portuguesas em São José do Norte. Porém, a resistência encontrada, as derrotas frente às guerrilhas e a atuação militar de Rio Pardo abalaram o ânimo de Vertyz y Salcedo, que esperava uma fulminante e rápida vitória. Frente à determinação espanhola de atacar o sul do Brasil, o Marquês de Pombal, poderoso ministro do Rei de Portugal, decidiu concentrar na região um grande efetivo militar, chamado de Exército do Sul, sob o comando do Tenente-General João Henrique Böhm. Mais de quatro mil homens distribuíram-se entre São José do Norte (3.365), Rio Pardo (710) e Porto Alegre (27). O objetivo era o controle dos fortes de São Martinho (conquistado em outubro de 1775) e Santa Tecla (destruído após o cerco de 26 dias que teve início em 26 de março de 1776) e a retomada da vila do Rio Grande, que impedia o acesso luso ao litoral sul e à campanha rio-grandense.

A concentração dos efetivos teve início em 1774, com tropas do Rio de Janeiro que marcharam por terra desde Laguna, em Santa Catarina. De Portugal vieram regimentos de Moura, Bragança e Estremoz, tendo participado tropas também de São Paulo, Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, Santa Catarina, além de vários regimentos e companhias do Brasil. Fortes foram construídos junto à margem norte

da barra. Uma esquadra naval comandada por Hardecastle, com seis unidades, concentrou-se desde o final de 1775 em São José do Norte. Em 19 de fevereiro de 1776, o Capitão-de-Mar-e-Guerra MacDouall, com uma esquadra de nove unidades, atacou a esquadra espanhola de sete embarcações. O objetivo era desativar o poder naval espanhol concentrado na área para garantir a travessia posterior de tropas de assalto terrestre, porém, após cinco horas de combate, o plano fracassou.

O ataque decisivo a Rio Grande ocorreu algumas semanas depois, no dia 1º de abril, às três horas da madrugada. Para dispersar a atenção dos espanhóis, o dia anterior 31 de março, foi de intensos festejos em comemoração ao aniversário da Rainha de Portugal. Os espanhóis, sempre observando os movimentos portugueses a partir de suas fortificações na margem sul da Barra do Rio Grande, imaginavam os militares fora de combate pelo possível álcool consumido nos festejos. Numa ação conjunta de forças do Exército do Sul e da Esquadra Naval (12 navios), um ataque fulminante foi desfechado. À resistência dos fortes da Barra, Mosquito e Trindade ocasionaram várias baixas luso-brasileiras, numa operação que finalizou após trinta horas. As tropas espanholas retiraram-se apressadamente para o forte do Arroio e depois para o forte de Santa Teresa. Por falta de cavalos, Böhm não conseguiu que os soldados realizassem um ataque sistemático ao exército em fuga.

A VILA DESTRUÍDA

Na reconquista, a vila do Rio Grande estava praticamente destruída, com ratos e lixo por toda parte. Os prédios estavam em péssimas condições e alguns fortes ainda ardiam em chamas.

O diário do Tenente-General Bohn no dia 11 de abril de 1776 deixou registros da fuga espanhola, afirmando que todos os animais e carretas foram levados, e as pontes foram danificadas. Os espanhóis queimaram a pólvora e encravaram as peças de artilharia com fogo ou machado. Espalharam os projéteis ou os jogaram à água, como também grande número de barris de pólvora. Foram abandonadas cerca de 400 armas de Infantaria, assim como cerca de 2.000 pares de sapatos, os quais foram distribuídos aos soldados. Nos depósitos da Marinha, eles deixaram coisas bem consideráveis: mastros, vergas, velas, cordame, capas, âncoras, diversas ferramentas, ferro em barras e breu. O hospital e a farmácia estavam em bom estado. Bohn constatou que os espanhóis não cuidaram nem um pouco da manutenção das casas da vila, bastante fracas de construção (de tabique). Assim, estavam quase

todas ameaçadas de ruína. O comandante ainda relatou que as casas estavam cheias de imundícies, sendo difícil acreditar que pessoas aí tivessem morado. A igreja matriz, a casa do governador e o hospital estavam, enquanto exceções, em bom estado. “Mandeí alugar, em proveito de Sua Majestade, estas casas desertas a nossos comerciantes e vendeiros, a fim de que as limpem e as mantenham. Estamos admirados de ver tão grande quantidade de ratos, que se tomaria por coelhos. Há carne de gado apodrecida nas casas e ruas, cujo fedor poderia causar a peste”.³

No dia 7 de abril foi rezada missa na Igreja Matriz de São Pedro, o prédio mais antigo do Rio Grande do Sul no presente. O *Te Deum* contou com a presença de tropas participantes da retomada e uma cadeira simbólica foi deixada vazia em homenagem ao apoio do Vice-Rei, Marquês de Lavradio. A notícia da vitória lusitana repercutiu no Rio de Janeiro com comemorações. Tudo havia a reconstruir no centro urbano e o povoamento poderia novamente ser dinamizado. Porém, o ato da reconquista gerou uma reação intensa na Espanha. Foi criado o Vice-Reinado do Prata e designado o temível General Cevallos para o cargo máximo. Com mais de cem navios e dez mil homens de terra e mar, ele partiu de Cádiz com uma frota tida como invencível para os padrões da época. Investiu e conquistou a Ilha de Santa Catarina e controlou a Colônia do Sacramento, iniciando a sua demolição. Sua esquadra pretendia invadir Rio Grande pela Barra, esfacelando o Exército do Sul. As tropas de terra do Gen. Vertyz y Salcedo avançariam desde o sul e as forças navais de Cevallos atacariam pela barra do Rio Grande. Um quadro militar desastroso para os luso-brasileiros estava esboçado. Porém, as condições climáticas reinantes em Rio Grande, sempre consideradas desfavoráveis, desta vez foram benéficas: fortes ventos dispersaram a esquadra de Cevallos, impedindo uma pretendida invasão em abril, de 1777. A diplomacia ibérica sofreu uma guinada em suas ações bélicas com a morte do rei D. José e a queda do Marquês de Pombal. Foi assinado o Tratado de Santo Ildefonso deixando o Rio Grande do Sul com a presença luso-brasileira no litoral até a fronteira de Rio Pardo e a imensa região missioneira sob controle espanhol.

Era o final de um ciclo de cerca de 100 anos de enfrentamento luso-espanhol a partir da Colônia do Sacramento. Um período de relativa paz com a possibilidade de organização da economia pecuária e de iniciativas agrícolas estava começando no sul. Os conflitos teriam continuidade no século 19, mas, após 1777, esperanças em ampliar a

³ Diário do Tenente General Heinrich Böhn. In: BENTO, Cláudio Moreira. *A Guerra de Restauração*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986, p. 85.

expectativa de sobrevivência se confirmavam com o nascer e o poente do sol ao longo dos anos seguintes.

O século 18 se revestiu de extraordinárias ações épicas que inspiraram a criação de inúmeros livros como *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo: confronto militar e diplomático luso-espanhol, destruição do projeto utópico das Missões Jesuíticas, constituição de interesses regionais e locais que levariam à Revolução Farroupilha, a construção da identidade do gaúcho na tensa disputa por cada metro de terra nas amplas coxilhas em direção ao Rio da Prata. Em meio a tudo, despontou a retomada portuguesa do Rio Grande como um epicentro essencial para se entender os rumos da história do Rio Grande do Sul.

